



A tradução como instrumento para (re)discutir a prática do ensino de LE

Noêmia Guimarães Soares¹

UFSC

Sergio Romanelli²

UFSC

Resumo: *O presente trabalho tem o intuito de apresentar e discutir algumas ideias referentes ao binômio tradução e ensino/aprendizagem de LE, no sentido de valorizar a aproximação entre esses dois temas. Tal ideia surgiu a partir de uma densa reflexão sobre a experiência realizada no âmbito de uma disciplina denominada Tradução e aprendizagem de línguas estrangeiras, ministrada pelos autores deste artigo, na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC. Assim, tendo-se a tradução como centro da discussão, e com base em teóricos tais como Atkinson (1993), Malmkjaer (1998) e Balboni (2002), foram retomados e redimensionados assuntos importantes referentes à prática efetiva dos alunos-professores de ensino de LE, como noções de língua e tradução, relação entre professor e aprendiz, lugar do aprendiz no ensino (suas expectativas), relação entre LM e LE, uso de dicionários, tipologias textuais, entre outros. Para os alunos, egressos de cursos de Letras Estrangeiras, a retomada de questões referentes ao ensino/aprendizagem de LE foi de vital importância, já que muitos deles, depois de sua primeira formação, não haviam tido a oportunidade de revisitar teoricamente e rediscutir sua prática, já como professores formados. Além disso, a troca de experiências em torno dos temas tradução e ensino de línguas foi muito enriquecedora tanto para os alunos como para os professores da disciplina, pois havia em sala experiências muito diversificadas: alunos e professores de diversas línguas estrangeiras diferentes, ensino público, ensino particular, cursos privados de línguas, experiências com nível iniciante, médio e avançado, entre outros.*

Palavras-chave: tradução, ensino de línguas estrangeiras, técnicas didáticas.

Abstract: *This paper aims to present and discuss some ideas about the binomial translation-teaching / learning a foreign language in order to enhance the closeness between these two issues. This idea came from a profound reflection on the experience carried out in a discipline called Translation and foreign language learning, given by the authors of this paper, at the postgraduate course in Translation Studies (PGET) at UFSC. Thus, starting our discussion about translation based on theorists such as Atkinson (1993), Malmkjaer (1998), Balboni (2002), we resumed and resized important issues regarding the effective student-teachers' practice of TFL, as notions of language and translation, the relationship between teacher and learner, the learner's place in education (expectations), the relationship between ML and FL, using dictionaries, text types, among others. For these students, with a degree in Foreign Languages, the resumption of issues related to FLT was of vital importance, since many of them after his first training, had not had the opportunity, as teachers, to revisit their practice theoretically. In addition, the exchange of experiences about the two issues, translation and FLT, was very enriching for both students and teachers because of the very different experiences in the classroom: there were students and teachers who deal with several*

¹ noemiasoares8@gmail.com

² sergioroma70@gmail.com



different foreign languages, with public education, with private education, with private language courses, with the beginner level, with the intermediate or advanced, among others.

Keywords: translation, foreign language teaching, teaching skills.

1. Introdução

No presente artigo, pretendemos apresentar e discutir algumas ideias referentes ao binômio tradução e ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), partindo do relato de uma experiência realizada no âmbito de uma disciplina da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) no 2º semestre de 2010 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O nome da disciplina, que já tinha sido ministrada por outros professores na PGET, é *Tradução e aprendizagem de línguas estrangeiras* e foi ministrada pela primeira vez nessa ocasião pelos autores deste artigo (um professor de língua italiana e uma professora de língua francesa). Pretende-se mostrar, com esse relato, o valor positivo que alcançou essa disciplina na formação dos alunos de pós-graduação e também professores de língua estrangeira (LE).³ Isso fez com que a disciplina funcionasse, a nosso ver, quase como uma atividade de formação continuada do professor, uma oportunidade para revisar e mesmo questionar conceitos e conhecimentos adquiridos durante a graduação ou em outros momentos da formação profissional.

Vale ainda acrescentar que nosso interesse inicial em ministrar essa disciplina era baseado no fato de que, por sermos nós mesmos professores de LE, de Estudos da Tradução e também já usuários da tradução em sala de aula, parecia-nos bastante animadora a possibilidade de nos debruçarmos e de nos aprofundarmos sobre as nossas próprias crenças e práticas acerca da aproximação desses dois campos.

³ Alguns desses alunos eram praticamente recém-saídos da graduação, como se pôde verificar pelas respostas a um questionário inicial (ver Anexo I).



2. Organizando a disciplina

Com base na leitura inicial de autores que tratam desse binômio – tradução e ensino de LE –, como Costa (1988), Atkinson (1993), Malmkjaer (1998), Balboni (2002), Romanelli (2009) entre outros, começamos a entrar em contato com o assunto e a discutir o programa a fim de imprimirmos um caráter mais pessoal à disciplina, que já assumia tendências de uma abordagem mais voltada à teoria e prática de sala de aula.

Assim partimos de uma pergunta básica para nortear nosso trabalho: tradução e ensino de LE, qual a relevância, para alunos do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, em aproximar esses dois campos?

Para começar, acreditamos que nosso interesse era o mesmo dos alunos, que julgamos ser, em sua maioria, egressos de cursos de Letras e também professores de LE. A fim de contemplarmos uma possível heterogeneidade de público,⁴ já que não conhecíamos o perfil da turma de antemão, previmos um roteiro geral para a disciplina e decidimos que o plano de ensino mais detalhado seria construído na interação com os alunos ao longo do semestre, levando em conta seu perfil e suas expectativas. Esse roteiro geral pautava-se no tratamento tanto de questões teóricas quanto práticas. Se, por um lado, nossa preocupação maior era com nosso público de alunos-professores, com o qual gostaríamos de desenvolver sobretudo questões relativas à prática da tradução como recurso de ensino/aprendizagem de línguas, por outro lado, tínhamos o intuito de retomar algumas questões teóricas, igualmente importantes acerca da tradução, do ensino/aprendizagem de LE e de assuntos relacionados, a fim sobretudo de fundamentar a prática em base teórica.

Dessa forma, quando começamos a disciplina, nosso plano de ensino constava dos seguintes pontos gerais:

1. Tradução e Linguística;
2. Tradução e Linguística Aplicada (LA);
3. Tradução e Ensino de LE;
 - a. Tradução nos diferentes métodos de ensino de LE (visão diacrônica);

⁴ Vale ressaltar que o perfil dos alunos do Programa PGET-UFSC não é muito homogêneo, já que nem todos são egressos de cursos de Letras.



- b. Uso da LM no ensino/aprendizagem de LE;
- c. Tradução como recurso didático na sala de LE.

3. Ao longo do semestre

Em nosso primeiro encontro, um questionário exploratório (Questionário 01) foi inicialmente proposto aos alunos (ANEXO I), para que, além de coletarmos dados pessoais e acadêmicos (nível de estudos, linha de pesquisa, projeto e orientador na PGET), pudéssemos conhecer dados importantes a respeito do seu percurso formativo (graduação e pós-graduação), de seus conhecimentos prévios sobre Linguística, Linguística Aplicada (LA) e Estudos da Tradução, de seu conhecimento de LE e suas expectativas quanto à disciplina que então começava.

O perfil do grupo era o seguinte:

- total de 10⁵ alunos, sendo 07 alunos com matrícula regular na disciplina e 03 alunos com matrícula especial;
- dos 07 alunos regulares, 04 eram de doutorado e 03 de mestrado (os outros 03 alunos especiais eram aspirantes ao mestrado na PGET);
- todos os 10 alunos provinham de cursos de Letras (02 Espanhol, 02 Francês, 02 Italiano; 04 Inglês);
- dos 10 alunos, 08 eram, na ocasião, professores de LE;⁶
- quanto aos conhecimentos prévios de Linguística, a maioria relatou pouco conhecimento nessa área, o qual se restringia, para a maioria, a duas ou três disciplinas gerais cursadas na graduação em Letras;

⁵ Não foi computado nesse total um aluno vindo do curso de Educação Física que logo abandonou a disciplina porque, segundo seu relato, não era de seu interesse.

⁶ Dos 02 alunos que não atuavam como professor, um já tinha experiência docente em outra área (química) e um (aluno especial recém formado bacharel em tradução) não tinha nenhuma experiência docente.



- em relação aos conhecimentos prévios de tradução, a maioria já tinha estudado formalmente a tradução, fosse em disciplinas práticas, fosse em disciplinas teóricas; aqueles que já eram alunos da PGET citaram alguns autores clássicos nos Estudos da Tradução que já haviam estudado: Pym, Nida, Berman, Mona Baker, Venuti, Benjamin, Arroyo, Toury, entre outros;
- em se tratando dos conhecimentos prévios de LA, a maioria citou as disciplinas de LA ministradas na graduação; alguns alunos relataram que trabalharam a LA ao ensino da LE específica na graduação;
- quanto à experiência prática em tradução, havia 02 alunos tradutores *freelancers*, 01 aluno que não tinha nenhuma experiência, 06 que já haviam realizado trabalhos de tradução eventuais; a maioria dos trabalhos era tradução de textos da esfera acadêmica (artigos, resumos); 05 alunos traduziram textos artísticos (literário e teatral) por conta de seus trabalhos acadêmicos e 01 aluno era membro de grupos independentes de tradução e legendagem de séries e filmes na Internet;
- com referência às expectativas, a maioria relatou que a disciplina unia dois domínios em que atuavam, que se interessavam particularmente em buscar apoio teórico para aplicar a tradução em sala de aula.

A análise desse instrumento, aliada à complementação de informações feita oralmente em sala de aula, forneceu-nos dados importantes para começarmos a desenvolver o programa acima apresentado. Vale ressaltar que, nos dois primeiros meses, nos quais desenvolvemos os temas mais gerais envolvendo Tradução, Linguística, LA ao ensino de LE, estivemos atentos aos temas suscitados nas discussões, mas sobretudo às inquietações e à natureza das colocações dos alunos para planejarmos a continuação da disciplina e contemplarmos os diferentes perfis e interesses. Além disso, essas manifestações revelaram aquilo que o questionário já nos tinha apontado: um grupo relativamente heterogêneo quanto a conhecimento (e aprofundamento) dos temas, ao nível de maturidade dos posicionamentos e à diversidade de contextos profissionais em que atuavam ou já tinham atuado.

Seguindo nosso programa geral e partindo sempre da leitura de artigos, os temas foram apresentados em forma de seminários ora pelos professores ora pelos alunos e



discutidos pelo grupo. Tivemos igualmente, ao longo do semestre, duas apresentações de trabalhos de pessoas exteriores à disciplina sobre assuntos relacionados: uma análise da tradução em material didático de LE e o relato de uma experiência didática com alunos de LE envolvendo tradução. Vale ainda acrescentar que incluímos no final do cronograma, com a concordância dos alunos, dois artigos sobre um outro tema relacionado – o ensino da tradução –, os quais foram apresentados e discutidos pelos alunos.

Um segundo questionário (Questionário 02, ANEXO II) também foi aplicado por *e-mail* depois de finalizada a disciplina para avaliarmos determinados pontos que julgamos pertinentes para a experiência como um todo. Embora apenas 03 alunos o tenham respondido, alguns dados serão aqui retomados mais adiante.

Os alunos, como parte da avaliação da disciplina, escreveram individualmente um artigo publicável envolvendo o binômio tradução e ensino de LE. Vários temas foram abordados e alguns dos trabalhos trouxeram o relato de uma experiência realizada em sala de aula de LE com tradução.⁷ Os trabalhos desenvolveram vários temas: tradução oral de legendas de filme, uso de legendas interlinguais no ensino de LE, papel dos dicionários bilíngues no ensino de LE, tradução de músicas, tradução de guia turístico, tradução de expressões idiomáticas.

Vejamos, na sequência, várias questões que surgiram no decorrer da disciplina e que julgamos importante relatar a fim de compartilharmos nossa experiência.

4. Revisitando conceitos e problematizando questões

Não pretendemos aqui nem esgotar nem aprofundar todas as questões suscitadas ao longo da disciplina; queremos apenas destacar alguns pontos importantes que, a partir da

⁷ Vale ressaltar que, dentre esses trabalhos, três foram apresentados numa sessão coordenada sobre Tradução e Ensino de LE na V Semana de Letras da UFSC, em maio de 2011, organizada pelos dois professores da disciplina e autores deste artigo.



temática da tradução em sala de aula de LE, foram levantados pela (re)discussão de conceitos e noções que julgamos relevantes para a formação do professor de LE.

De início, é significativo relatar aqui que, como havia em sala uma variedade quanto às línguas estrangeiras relativas à formação de alunos e professores (espanhol, francês, inglês, italiano), artigos nessas várias línguas e dentro dessas várias tradições foram lidos, apresentados e discutidos. Isso permitiu, a alunos e professores, observar a existência de algumas características e particularidades próprias da tradição de ensino das diferentes línguas estrangeiras ali representadas. Apenas para citarmos um exemplo, a discussão em sala de aula levou-nos a abordar e problematizar o fato de que a nomenclatura *Linguística Aplicada*, para os alunos aparentemente *universal*, é usada no Brasil devido principalmente à força da tradição angloamericana. Salientou-se o fato de que tal nomenclatura não é uma unanimidade no ensino de línguas na tradição acadêmica ocidental. Por exemplo, a disciplina mais ou menos equivalente à LA ao ensino de línguas, na tradição de ensino de línguas na Itália, é chamada *Glottodidattica*, na França, *Didactique des langues*, e, em ambos os casos, essas disciplinas estão ligadas ao campo de conhecimento da Didática, o que repercute evidentemente numa diferença de perspectiva que ultrapassa a simples nomenclatura.

Outro exemplo: ao estudarmos e discutirmos a tradução nos diferentes métodos de ensino de LE, observamos igualmente que diferentes autores observando diferentes línguas estrangeiras e pertencendo a diferentes tradições de ensino de línguas, apresentam algumas diferenças consideráveis entre si quanto aos métodos apresentados e o seu número. Por exemplo, Balboni (2002) dá especial atenção às abordagens "humanístico-afetivas" (Método Natural, *Silent Way*, Sugestopedia) e alude a uma "abordagem comunicativo-formativa de tradição italiana" (2002, p. 243); os autores de tradição francesa apresentam o método SGAV⁸ que foi concebido especificamente para o ensino do francês. Essas informações estão ausentes, por exemplo, da maioria dos textos em português, filiados à tradição angloamericana.

⁸ SGAV (*méthode structuro-globale-audio-visuelle*): Método estrutural-global-audiovisual de ensino do francês língua estrangeira desenvolvido na França e no exterior no início dos anos 50 com o apoio governamental.



Enfim, acreditamos, pela nossa própria experiência profissional, que essa heterogeneidade constituiu uma oportunidade bastante única no nosso ambiente acadêmico, já que dificilmente temos a possibilidade de trabalhar sobre questões de ensino de LE durante um semestre com alunos-professores de línguas estrangeiras diferentes. O ambiente acadêmico privilegia turmas e parcerias sempre ligadas a uma única LE.⁹

Ainda referente a questões gerais que orientaram o trabalho da disciplina, achamos importante ressaltar que a dinâmica que privilegiava a perspectiva prática acompanhada da discussão teórica contribuiu para a criação de um ambiente de relativa confiança na turma e permitiu que os alunos expressassem, em vários momentos, suas opiniões, dúvidas e temores. Assim, houve várias situações em que alguns alunos, partindo dos pontos de discussão de sala de aula, sentiram-se à vontade para colocar oralmente para a turma (colegas e professores) seus pontos de vista, suas dúvidas concretas, anseios, hesitações, vivências e frustrações, todos advindos diretamente de suas práticas como professores de LE. Assim, houve, muitas vezes, um questionamento de noções teóricas e práticas, com base nas experiências e contribuições do grupo. Um dos casos exemplares foi o impacto do relato de uma aluna que trabalhava em uma escola pública no interior do Nordeste sobre os demais (alunos e professores) habituados a outros contextos de ensino. Esse relato, aliado a outros também ligados à escola pública, trouxe uma perspectiva diferente e concreta para as discussões e nos fez refletir sobre a limitação de algumas afirmações, práticas e crenças consideradas válidas para outros contextos de ensino.

Outra questão que parece ter trazido uma reflexão renovada para os alunos é o fato de termos aproximado Linguística e Tradução, já que, no contexto específico da PGET, muitos alunos tinham praticamente estudado textos teóricos voltados à tradução literária. Para isso, partimos de uma visão histórica da relação entre Linguística e Tradução, a fim de se perceber como foram construídos os pontos de contato entre essas disciplinas. Isso nos fez revisitar alguns conceitos e noções próprios da Linguística e dos Estudos da Tradução, bem como autores, abordagens e disciplinas correlatas. Num momento subsequente, segundo o relato oral dos próprios alunos, observamos que, se havia alguns dentre eles para quem esse breve

⁹ Basta observar alguns exemplos de grupos, turmas e eventos em LE: *LA ao ensino do espanhol*, *Seminário de formação de professores do alemão*, *Congresso de professores de francês*, e assim por diante.



histórico e o debate por ele gerado eram novidade, para outros a mesma dinâmica trouxe o benefício de fazê-los revisitar, naquele momento de forma integrada, conceitos e discussões – muitas vezes já distantes no tempo, alguns do início da graduação – relativos tanto aos Estudos da Tradução quanto à Linguística. Podemos dizer que, para a maioria dos alunos, do ponto de vista de sua formação, essa retomada teórica inicial ampliou suas concepções e permitiu que os alunos colocassem em uma nova perspectiva alguns temas relativos à Linguística e aos Estudos da Tradução.

Em relação ao nosso foco principal, abordamos, antes de mais nada, como não poderia deixar de ser, alguns motivos da rejeição que vemos hoje ainda comumente na LA e na formação de professores de LE quanto ao uso da tradução na sala de aula.¹⁰ Essa discussão foi importante para os alunos, pois permitiu-lhes lançar um olhar mais crítico para a sua própria formação, para a possibilidade de poderem colocá-la em perspectiva e para a necessidade de um questionamento constante quanto a possíveis crenças e mitos relacionados ao trabalho em sala de aula de LE. Muitos artigos serviram de base para essa discussão¹¹ e puseram a nu alguns motivos do preconceito contra o uso da tradução no ensino de LE. Dentre as várias e complexas razões desse fato (cf. COOK, 1998; MALMKJAER, 1998; ATKINSON, 1993), que não serão citadas exaustivamente pois não é esse nosso objetivo neste artigo, observou-se que a maior parte dos argumentos usados para justificar tal exclusão leva em conta, entre outros, os exercícios de tradução derivados do Método Gramática e Tradução¹² (MGT). As objeções, para citar apenas algumas, dizem respeito a práticas aliadas com frequência ao uso da tradução no ensino de LE: avaliação de compreensão pela tradução, tradução de sentenças isoladas ou excertos descontextualizados, tradução para ensinar conteúdos de gramática, desconhecimento da situação de tradução, tradução literal etc. (MALMKJAER, 1998).

¹⁰ Essa rejeição é ainda uma realidade na formação de professores de LE, apesar do aparecimento, a partir da década de 90, de uma visão renovada a respeito da tradução como recurso na sala de LE (cf. LAVALT, 1991; GRELLT, 1991; ATKINSON, 1993; MALMKJAER, 1998; COOK, 1998; BALBONI, 2002, 2010, entre outros).

¹¹ Cook (2001), Malmkjaer (1998), Balboni (2002; 2010), Atkinson (1993), Romanelli (2009), Baker (1998).

¹² O Método Gramática e Tradução, derivado dos métodos de ensino de línguas clássicas, foi adaptado no século XIX para o ensino de línguas modernas; emprega, entre outros, a tradução de palavras e de sentenças construídas para exemplificar regras gramaticais (BALBONI, 2010).



Partindo desse aprofundamento, nosso intuito maior era, de maneira geral, além de levar os alunos ao confronto com determinadas crenças comuns (inclusive as deles mesmos) sobre o uso da tradução no ensino de línguas, levá-los igualmente à compreensão de que o uso da tradução como recurso em sala de aula depende necessariamente daquilo que compreendemos por tradução, ou seja, de que tipo(s) de tradução estamos falando, quando pensamos no ensino de LE (MALMKJAER, 1998).

É importante destacarmos que esse ponto gerou muita polêmica em sala, sobretudo quando fez surgir o contraste entre abordagens prescritivas e descritivas de tradução (ambas marcadas histórica e culturalmente). Como a maioria dos alunos da disciplina era de estudantes da PGET, os quais já haviam cursado outras disciplinas que, no mínimo, problematizaram o conceito de tradução, essa retomada da discussão permitiu-lhes rever e ampliar conhecimentos teóricos sobre o assunto.

Outro ponto de realce é que, uma vez que professores e alunos provinham de áreas diferentes dentro do domínio dos Estudos da Tradução e, portanto, filiavam-se a visões teóricas diferentes,¹³ esse debate foi realmente rico e instigante, pois, além de problematizar a questão, foi necessário, em grande grupo, delinear alguns pontos relevantes sobre os tipos de tradução que poderiam ser usados de forma vantajosa no ensino de LE. Vários artigos estudados ao longo do semestre, alguns mais teóricos outros mais práticos, retomaram essa discussão.

Outro tema importante do nosso programa geral amplamente estudado e discutido em aula foi o papel do uso da LM ou L1 no ensino da LE. Apesar da complexidade que envolve o tema, para efeitos desse texto, julgamos importante resumir e referir alguns aspectos apenas. O ponto que consideramos mais relevante foi a abertura da possibilidade do uso da LM no ensino de LE em condições específicas e não de forma indiscriminada, já que é indiscutível e necessária a presença da LE em sala de aula. Discutimos o aporte dessa prática para aumentar a confiança e autoestima de alunos iniciantes, diminuir seu filtro afetivo (ATKINSON, 1993), estimular o aluno a participar das aulas e poder expressar-se. Esse último

¹³ Estavam representadas na sala, as seguintes linhas de pesquisa: Processo Criativo e Tradução; Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras; Tradução Intersemiótica; História, Teoria e Crítica da Tradução; Lexicografia e Estudos da Tradução; Análise Processual da Tradução.



aspecto parece bastante valioso, já que alunos iniciantes não são de modo nenhum tábulas rasas e, em muitas circunstâncias, frustram-se em não poderem expressar suas opiniões, conhecimento de mundo, sentimentos, sobretudo em se tratando de adultos.

Um ponto bastante importante presente nas discussões foi a questão do poder subjacente que comumente está associado ao ensino de uma língua-cultura estrangeira. Poder usar a LM em certas ocasiões representa, do ponto de vista do aluno iniciante, uma aceitação e valorização de sua identidade (AUERBACH, 1993), o que pode ser revertido em baixo filtro afetivo em relação ao aprendizado da LE.

Abordamos igualmente, ao longo do semestre, entre outras questões, a necessidade de se rever o tipo de tradução usado comumente no ensino de línguas e a possibilidade vantajosa de se aproximar, no ensino de LE, o processo de tradução ao processo de produção textual e sobretudo às características que subjazem à própria atividade do tradutor profissional e que envolvem a situação de tradução como um todo (contrato de tradução, gênero do texto fonte, público e objetivo do texto fonte, público e objetivo do texto alvo, contextos mais amplos de recepção de ambos os textos etc.) e também aos processos cognitivos envolvidos (antecipação, exploração de recursos, revisão, para citar apenas alguns) (MALMKJAER, 1998).

Em linhas gerais, como cabe diante da natureza desse artigo, vamos resumir ainda a discussão acerca da tradução como técnica didática. Além do caráter *autêntico* da tradução,¹⁴ discutimos o fato de que ela é uma técnica particularmente flexível, tanto quanto aos objetivos a serem alcançados, quanto às modalidades de tradução solicitadas, aos gêneros e modalidades textuais (até textos multimodais), quanto ao modo de os alunos trabalharem em sala, quanto ao uso ou não de recursos (computadores, dicionários etc.), tudo isso em contraste com o uso que dela fez o MGT por tanto tempo (BALBONI, 2010). O uso da tradução em sala de LE se sustenta sobretudo pelo fato de essa técnica desenvolver sobremaneira as

¹⁴ Grellet (1991) aponta para uma "pedagogia comunicativa da tradução" (p. 85) em sala de LE, salientando a situação de comunicação que envolve texto fonte e texto alvo, mas também o aspecto autêntico da tradução, já que ela é uma das poucas atividades que é continuamente praticada em várias situações reais fora do ambiente de aprendizagem.



competências metacognitiva e metacultural (BALBONI, 2010; MALMKJAER, 1998; ATKINSON, 1993).

Em suma, a tradução pode ser vista como uma atividade motivadora e desafiadora, com um forte aspecto lúdico, o que é importante do ponto de vista da motivação dos alunos em sala (BALBONI, 2010). Isso sem esquecermos que a tradução, assim como outro recurso, se mal dimensionada, mal contextualizada e/ou mal avaliada, se usada em demasia, por exemplo, pode se tornar contraproducente, desmotivante e/ou frustrante.

5. Conclusão

Neste artigo, nosso objetivo foi relatar, embora brevemente, a experiência que julgamos enriquecedora para professores e alunos, ocorrida no quadro da disciplina *Tradução e ensino de LE*, da PGET- UFSC. Uma das razões para esse relato foi igualmente nosso intuito de disseminar e também de encorajar o debate, já iniciado por vários teóricos, acerca do uso benéfico da tradução na sala de aula de LE.

Através dessa experiência, pudemos observar que, partindo da tradução como centro da discussão, acabamos discutindo muitas outras questões, revisitando criticamente teorias, conceitos, crenças e práticas relacionados ao ensino de LE. Nesse sentido, a retomada de assuntos ligados à Linguística, à LA e aos Estudos da Tradução foi, segundo a avaliação final (Questionário de avaliação da disciplina – ANEXO II – e avaliação oral feita em aula) de alguns alunos, muito significativa, já que permitiu que eles atribuíssem novo significado a conceitos e conhecimentos já esquecidos ou semi-adormecidos e/ou estanques sobre esses domínios e que também pudessem vislumbrar novas relações entre tais conhecimentos.

Ademais abordamos não só o uso da tradução como recurso na aula de LE, mas também o uso da LM no ensino de LE, conceitos de língua, tradução, mitos e crenças, como o da preferência pelo professor *falante nativo*, como o da ineficiência da tradução no ensino de LE, para citar apenas alguns.



A riqueza da discussão em sala foi, a nosso ver, o ponto alto dessa experiência e foi, sem dúvida, acentuada pela heterogeneidade do grupo em relação a vários aspectos: instituição de origem, língua estrangeira de formação, tradição de ensino, experiência profissional como professor (aulas particulares, escola pública, escola privada, cursos de idiomas, objetivos específicos etc.), experiência de tradução (artigos científicos, literatura etc.), conhecimento de LE, entre outros.

Enfim, gostaríamos de finalizar, reafirmando a necessidade de se incluir na formação de professores de LE o tema da tradução, seu uso e potencialidades. Além disso, reiteramos o papel da tradução despertando questionamentos acerca da prática do professor de LE.

Referência

ATKINSON, David. "The mother tongue in the classroom: a neglected resource?". **ELT Journal**. Oxford University Press, v. 41/4, out. 1987, p. 241-247.

ATKINSON, David. **Teaching monolingual classes**. London: Longman, 1993.

AUERBACH, Elsa Roberts. Reexamining English only in the ESL classroom. **Tesol Quartely**, v. 27, n. 1, Spring 1993, p. 9-32.

BAKER, Mona (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, London-New York: Routledge, 1998.

BALBONI, Paolo. *Le sfide di Babele*. Torino: UTET, 2002.

BALBONI, Paolo. La traduzione nell'insegnamento delle lingue: dall'ostracismo alla riscoperta. In: GIOVANNI, Flora de; DI SABATO, Bruna. **Tradurre in pratica – Riflessioni, esperienze, testimonianze**. Napoli: Edizione Scientifiche Italiane, 2010, p. 169-190.

COOK, Guy. Language teaching. In: BAKER, Mona (ed.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London-New York: Routledge, 1998, p. 117-120.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I. - VANDRESEN, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p. 282-91.



GRELLET, F. Vers une pédagogie communicative de la traduction. In: MALAMAH-THOMAS, A.; BLAASCH, Hans-W.; CHAIX, Paul (ed.) **The role of translation in foreign language teaching**. Paris: The British Council/ Goethe-Institut/ENS-CREDIF, Didier, 1991, p. 85-93.

LAVAUULT, Elisabeth. Traduire en classe: pourquoi ou pour qui? In: MALAMAH-THOMAS, A.; BLAASCH, Hans-W.; CHAIX, Paul (ed.) **The Role of Translation in Foreign Language Teaching**, Paris: The British Council/ Goethe-Institut/ENS-CREDIF, Didier, 1991, p. 49-57.

MALMKJAER, Kirsten. (ed.). **Translation and Language Teaching. Language teaching and Translation**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.

PUREN, Christian. **Histoire des méthodologies de l'enseignement des langues**. Paris: Nathan, CLE International, 1988. RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguistics and the myth of nativity: comments on the controversy over 'new/non native englishes'. **Journal of Pragmatics**, 27, 1997, p. 225-231.

ROMANELLI, Sergio. L'uso della traduzione in una classe di LS: Una questione ancora aperta o da riaprire? **Mutatis Mutandis**, v. 2, 2009, p. 50-66.

ANEXO I¹⁵

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PGET- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS

DISCIPLINA: TRADUÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS SEMESTRE: 2010/2

PROFESSORES: Sergio Romanelli e Noêmia Guimarães Soares

QUESTIONÁRIO

NOME:

E-MAILS:

¹⁵ Os dois anexos apresentam-se em edição reduzida por razões de espaço nesta publicação.



FONES:

MATRÍCULA: 1. a. Mestrado () b. Doutorado ()

2. ANO DE ENTRADA NA PGET:

3. LINHA DE PESQUISA:

4. ORIENTADOR(A) :

5. PROJETO (título, resumo...) (Se necessário, você pode usar o verso da folha para responder.)

6. CURSO DE GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO (título, ano de conclusão):

7. Diga qual o seu conhecimento nas seguintes áreas. Cite as disciplinas que você cursou (nível de graduação, pós-graduação), os cursos e as leituras que você fez nessas áreas e o ano em que foram realizados.

a. Linguística:

b. Linguística Aplicada

c. Tradução

8. Qual a sua experiência docente com ensino em geral e com ensino de Língua Estrangeira? Especifique a língua.

9. Qual a sua experiência prática em tradução? Especifique.

10. Assinale a alternativa que descreve seu caso quanto às suas habilidades linguísticas

a. em Alemão:

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.

b. em Espanhol:

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.

c. em Francês:

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.



4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
------------	-----------	---------------	--------------------	----------	----------------

d. em Inglês:

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.

e. em Italiano:

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.

f. em outra(s) língua(s) estrangeira(s) não citada(s):

1. entendo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
2. falo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
3. leio	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.
4. escrevo	() nada.	() um pouco.	() razoavelmente.	() bem.	() muito bem.

11. Quais as suas expectativas em relação à presente disciplina (tipo de abordagem mais prática ou mais teórica, ou ambas, conteúdos...)?

12. Por que você escolheu matricular-se nessa disciplina?

ANEXO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Disciplina: PGET 3612 - Tradução e aprendizagem de línguas estrangeiras

Professores: Sergio Romanelli e Noêmia G. Soares

2010/2



Questionário de avaliação da disciplina

Nome:

Data:

Prezados alunos,

O questionário a seguir é uma avaliação da disciplina *Tradução e aprendizagem de línguas estrangeiras* que nós ministramos em 2010./2. Para respondê-lo, não gostaríamos que você consultasse material nenhum. Gostaríamos apenas que você expusesse suas opiniões e aquilo que realmente ficou da disciplina pra você, considerando as leituras e discussões realizadas ao longo desse semestre. Portanto sua sinceridade é fundamental.

Vale lembrar que sua resposta a esse instrumento é realmente muito importante para nós por inúmeros motivos, dentre eles o desejo de aperfeiçoarmos novas possíveis edições dessa disciplina.

Desde já, agradecemos!

Sergio e Noêmia

1. Como você vê hoje a relação entre tradução e ensino de língua estrangeira (LE)?
2. A partir das leituras e discussões ao longo do semestre, como você analisa as crenças responsáveis pela ausência da tradução nas aulas de LE?
3. Do ponto vista prático, o trabalho dessa disciplina modificou sua prática como professor de LE? De que maneira?
4. E do ponto de vista teórico, qual é hoje sua visão de língua e tradução?
5. Como você vê o uso de dicionários bilíngues e monolíngues na realização de atividades de tradução na aula de LE?
6. Durante a disciplina ou depois de cursada, você já propôs atividades de tradução em sua aula de língua? Como foi essa experiência? Fale igualmente da recepção por parte dos alunos.
7. Hoje como você vê o uso da língua materna em sala de aula de LE?
8. Como você avalia a bibliografia lida durante a disciplina sobre a relação existente entre tradução e LE? Dê sugestões.
9. Você acha produtiva para a formação de docentes a inclusão do tema tradução e ensino de LE? Por quê?
10. Como você avalia a presença/ausência da tradução nos manuais de ensino de LE?
11. Você acha que o uso ou não da tradução em sala de aula de LE depende da experiência didática do professor de LE? Explique sua resposta.
12. Diga de que forma o uso da tradução em sala pode contribuir para a desmistificação das seguintes crenças e mitos referentes ao ensino de LE: "o professor nativo é o melhor professor"; "a LM deve ser banida da sala de aula de LE", "a tradução não deixa o aluno pensar em LE"...